

VOTOS

Uma revista andou perguntando a várias pessoas o que vai acontecer em 1953. Perguntou a mim também, mas eu andava naqueles dias tão engolfado ainda nos acontecimentos de 52 que não tive forças para fazer emergir meu conturbado espírito das ocorrências imediatas para fitar além.

Encontrei ontem no Vermelhinho — aparição rara ou, como diz o vulgo, figurinha difícil — o poeta Augusto Frederico Schmidt, que doutrina o prosador Viana Moog; deixei-me estar a ouvi-lo, e ao fim parti de coração pequeno, pois ele diz que o Brasil vai mal, e não apenas mal como de mal a pior. Viana Moog, que é um pensador da zona colonial do Rio Grande do Sul e, portanto, um calmo, parecia (me parecia) concordar apenas da boca para fora, por delicadeza; e afinal se revelou tão otimista que, falando das sessões da Academia confessou que "algumas são boas". Mas Schmidt não admitia isso, e achava o Brasil insolúvel, insolvável e insalvável, mesmo havendo algumas boas sessões na Academia; falava com horror da Petrobrás, do nacionalismo, de tudo, e aprovou vivamente quando eu disse que o sr. Otavio de Souza Dantas declarou que o Brasil é "um país incompetente." Penso que não dei grandes palpites; parece que me cansei de salvar o Brasil nas mesas do Vermelhinho, onde já o salvei várias vezes sem que ele sequer tomasse conhecimento disso. Com uma certa volubilidade elogiamos o babaçú e a cantora Angela Maria, enquanto eu comia um pastel. Resultou que saí dali meio indeciso entre o abandono e a tristeza, e quando pensei na "enquete" da revista senti um certo mal-estar, e tive vontade de telefonar para a redação dando uma resposta concisa que agradaria a mestre Graçiliano: "tudo vai piorar". Não dei. Mas talvez tudo piore assim mesmo.

Vejo que passei o ano inteiro neste país e, a bem dizer, no Rio, o que não é de meu uso, nem costume; fundei, com amigos, um semanário "Comício" que levou a breca, e deixou algumas saudades e muitas dívidas. Trabalhei muito; e afinal isso não consertou em nada a situação do país, nem a minha, e aumentaram os atrasados comerciais do Brasil, e os meus. Que no ano que vem me seja dado perambular mais e trabalhar menos. Que os gerentes de banco abram sorrisos cordiais diante das reformas integrais, as bombas de hidrogênio continuem a estourar apenas nos desertos e atóis; e quanto a essa que eu chamei de minha amada em algumas crônicas deste ano, por favor, não falem dessa senhora perto de mim, respeitem ao menos meus cabelos brancos, etc.

18/12/52

R. B.